



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA- IPOL
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

GABRIEL ASSIS DOS SANTOS

14/0139869

A VIRTUDE DA SABEDORIA NO GOVERNO IDEAL DE TOMÁS DE AQUINO

BRASÍLIA, 2019

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e por seu amor incondicional. A Ele a glória, o louvor e o domínio pelos séculos dos séculos. Sem Ele, nada disto seria possível.

À minha família, em especial meus pais, Flávia e Wadjô, por todos os ensinamentos, carinho e amor que transmitiram a mim nesta caminhada.

Ao Padre Jorge Eldo, por me formar na fé.

Ao Padre Paulo Ricardo, por aprofundar em mim o amor pela Santa Igreja Católica.

Ao Professor Olavo de Carvalho, por dedicar toda a sua vida para compreender o mundo e restaurar a vida intelectual no Brasil. Mais do que lições de filosofia, política e religião, me ensinou a abrir os olhos, observar a realidade, e assim aprendi que ‘o homem em dificuldades necessita de mais demonstrações de respeito do que as pessoas em situação normal’. Graças a seus livros e cursos, aprendi que nada pode conter a força da personalidade.

Ao Professor Leandro, por ser o único professor da Universidade que me inspirou a ser melhor. Sem ele, eu não teria a segurança de escrever um trabalho tão breve sobre um tema tão complexo e assim este trabalho não seria possível.

À Universidade de Brasília, por tudo o que me proporcionou viver nestes anos.

À minha namorada, Letícia de Andrade, por, no momento de maior dificuldade em minha vida, aparecer como uma luz em meio a escuridão. Quando os meus sonhos vi desmoronar, me trouxeste outros pra recomeçar. Você é a prova de que Deus também têm os seus preferidos, e que eu sou um deles. Pois os melhores presentes reservamos a quem mais amamos.

A todos, minha eterna gratidão.

“Foi por amor a ti que eu estudei;

Foi por amor a ti que eu fiz vigílias;

Foi por amor a ti que eu trabalhei;

Foi por amor a ti que preguei e ensinei;

Jamais disse algo contra ti;

Se eu disse algo de mal, deixo tudo para a correção da Igreja Romana. ”

Tomás de Aquino

SUMÁRIO

1.Introdução	5
2. A Sabedoria na Tradição Cristã	6
3. O governo ideal de Tomás de Aquino	19
4. Utilidade do Reino	24
5. O perigo do reino	30
6. Conclusão sobre o Governo Ideal	32
7. Aplicação da sabedoria no governo ideal	32

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a mostrar como a virtude da Sabedoria é aplicada no Governo considerado ideal por Tomás de Aquino, um dos maiores pensadores da Idade Média e da cristandade. Para que isto seja possível, primeiro é necessário esclarecer o que é a Sabedoria, visto que esta palavra tem diferentes significados nas mais diversas correntes de pensamento.

Como Tomás de Aquino é um autor cristão católico, é importante ressaltar que a cosmovisão apresentada neste trabalho tem suas bases no ensinamento dos doutores da Igreja e nos textos bíblicos. Pois não é possível descrever uma virtude cristã sem os textos cristãos, nem descrever o governo ideal para um filósofo católico, sem entender a visão católica da política.

Tomás foi o maior teólogo de sua época, também se destacando por seus textos políticos e filosóficos. Para complementar suas análises, é de grande valia rever textos de autores mais recentes que estão em consonância com o pensamento do Aquinate. Uma ideia que será vista ao longo do texto, é a ideia de tradição. Ou seja, Tomás não desenvolveu sua teoria política a partir ‘do nada’, mas antes buscou se integrar em uma tradição de pensamento. Por isto, seus textos têm uma continuidade em relação a autores anteriores. O que no século XXI Bento XVI definiu como a ‘hermenêutica da continuidade’, nada mais é do que aquilo que Tomás já aplicava em suas obras. Significa que para entender o pensamento de algum concílio, encíclica, bula ou qualquer texto filosófico de algum autor cristão, é importante que este seja lido em continuidade com os autores que o antecederam.

Este modo de apresentar as ideias, integradas em uma tradição, foi desenvolvido pela Igreja Católica para ensinar o povo quando um texto estava ou não em comunhão com o credo romano. Como está bem exposto no Catecismo da Igreja Católica:

“Quem diz ‘creio’ diz ‘dou minha adesão aquilo que *nós* cremos. Nenhum dos símbolos das diferentes etapas da vida da Igreja pode ser considerado ultrapassado e inútil. Eles nos ajudam a viver e a aprofundar hoje a fé de sempre por meio dos diversos resumos que dela tem sido feitos.” (CIC,2015, Pág.: 60)

Portanto, todo e qualquer texto que faça referência à visão católica sobre qualquer tema, não apenas sobre a política, deve ser como uma parte de um edifício intelectual, que tem por base aquilo que os autores anteriores disserem sobre o mesmo tema. Por isto mesmo, por mais genial que fosse, Tomás não criou uma teoria política, mas aperfeiçoou uma cosmovisão que antes dele já tinha grandes pensadores como Agostinho. Também foi capaz de elevar o nível dos argumentos pela força de seu intelecto com uma profundidade nunca vista, sendo capaz de

esquematizar as ideias de modo que seus adversários jamais o venceram em debates relativos à doutrina cristã.

A primeira parte do trabalho tratará da virtude da Sabedoria na tradição cristã, onde serão abordados exemplos práticos do que é considerado “agir com sabedoria” para a cristandade. A segunda parte se propõe a apresentar a forma de governo descrita por Tomás de Aquino como aquela mais eficaz para atingir o fim último do homem. E a terceira apresenta como a sabedoria é aplicada neste governo. Ou seja, sem a virtude da sabedoria, o governo ideal não é possível de existir, e o homem não é capaz de atingir o seu fim último.

As citações bíblicas e de textos teológicos servirão de base para entender e descrever o pensamento de Tomás a fim de que se possa descrever sua visão em relação ao governo ideal.

2- A sabedoria na tradição cristã

2.1 Salomão e a sabedoria bíblica

Na tradição cristã, a história do povo de Israel é chamada de história da salvação, segundo a qual um povo escolhido foi guiado por Deus a uma terra prometida. Apesar dos inúmeros personagens de importância que podem ser destacados por seus feitos (Moisés com as tábuas da Lei, Josué com suas guerras vencidas, entre tantos outros) cada um possui uma característica própria que resplandece além das demais virtudes.

Abraão é lembrado por sua fé, Moisés por sua confiança, Josué por sua força..., mas em se tratando de sabedoria, apenas um homem do antigo testamento chegou a ser considerado o mais sábio vivente de toda a terra.

Por este motivo, não há como falar em virtude da Sabedoria sem mencionar o Rei Salomão, o Sábio. Dentre todos os personagens caros ao cristianismo, este é aquele considerado o mais sábio dos reis. Segundo o relato, o Senhor Deus apareceu em sonho ao Rei e disse-lhe: “Pede-me o que queres que eu te dê.” (1 Re,3,5). E dentre todos os bens que o rei poderia pedir ao Senhor Deus, este respondeu:

Sois vós, portanto, ó Senhor meu Deus, que fizestes reinar o vosso servo em lugar de Davi, meu pai. Mas eu não passo de um adolescente e não sei como me conduzir. E, sem embargo, vosso servo se encontra no meio de vosso povo escolhido, um povo imenso, tão numeroso que não se pode contar, nem calcular. Dai, pois, ao vosso servo *um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal*. Pois sem isso quem poderia julgar o vosso povo tão numeroso? (1Re, 3, 6-10)

O Senhor agradou-se da oração do rei e disse-lhe:

Pois que me fizeste esse pedido e não pediste nem longa vida, nem riqueza, nem a morte de teus inimigos, mas sim inteligência para praticar a justiça. Vou satisfazer o teu desejo. Eu te dou um coração tão sábio e inteligente como nunca houve outro igual antes de ti e nem haverá depois de ti. Dou-te, além disso, o que não me pediste: riquezas e glória, de tal modo que não haverá quem te seja semelhante entre os reis durante toda a tua vida. E, se andares em meus caminhos e observares os meus preceitos e mandamentos como o fez Davi, teu pai, prolongarei a tua vida". (1Re, 11- 13)

Este relato do livro dos Reis é um documento essencial para quem busca um entendimento maior sobre o que seria a Sabedoria para o cristianismo.

Salomão pede um coração sábio para “discernir entre o bem e o mal” (1Re, 3, 9). O Deus cristão afirma que concederá a seu servo um coração sábio, que irá satisfazer o seu desejo. Este relato faz uma alusão sobre outro, no livro do Gênesis, onde em um jardim, existia a árvore do bem e do mal, que Adão e Eva estavam proibidos de comer. Seduzidos pela serpente, ambos caíram na tentação e foram expulsos do paraíso (Gen, 1). O que mostra que dentro desta tradição de pensamento, aqueles que buscam o conhecimento do bem e do mal sem Deus, dele recebem seus castigos; enquanto aqueles que humildemente o pedem tal discernimento, o recebem de bom grado.

Portanto, o primeiro passo para a aquisição da sabedoria é a humildade. E a humildade consiste em reconhecer aquilo que se é, de acordo com a realidade. Pois alguém que se julga superior não passa de um soberbo, e alguém que se julga inferior àquilo que realmente é, não passa de um falso modesto. E para dar este primeiro passo, é necessário que o intelecto seja movido pela vontade.

“O que vale mais do que tudo é o querer, um querer profundo: querer ser alguém, chegar a algum lugar; ser já, pelo desejo, esse alguém qualificado por seu ideal. O resto sempre se arranja. Livros há em qualquer lugar, e pouquíssimos são necessários. Contatos, estímulos, podem ser encontrados na solidão: os grandes homens estão aí, presentes a quem os invoca, e os grandes séculos passados impulsionam o pensador ardente.” (SERTILLANGES, 2019, Pág.: 31)

A humildade está relacionada a honestidade. Saber que sabe, é saber. Saber que não sabe, também é saber.

Por ser a humildade o primeiro passo para a aquisição da sabedoria, deve o homem conhecer sua realidade e olhar para seu interior de maneira honesta. E isto só é possível quando não se têm nenhuma amarra social ou ideológica que pressione o homem a fazer um julgamento equivocado sobre si mesmo. Em outras palavras, os cristãos creem que um olhar para o próprio interior leva o homem a se inserir na realidade e reconhecer seu papel. Em se tratando da busca pela sabedoria, é importante que o homem não vá além das suas próprias capacidades, mas dê um passo de cada vez.

“Não sobrecarregues o solo, não levante a construção além do que a base permite, ou antes que a base esteja firme: isto faria tudo ruir. Quem é você? Onde está? Que alicerces intelectuais já possui?... O sábio começa pelo começo e só dá um novo passo depois de assegurar o anterior.” (SERTILLANGES, 2019, Pág.: 44)

E este é o início da vida intelectual cristã.

No dizer de Carvalho:

“Um homem tem de estar livre de toda fiscalização externa para ter a certeza que olha para si mesmo e não para um papel social – e só então ele pode fazer um julgamento totalmente sincero. Somente aquele que é senhor de si é livre – e ninguém é senhor de si se não aguenta nem olhar sozinho para dentro de seu próprio coração.” (CARVALHO, 2014, Pág.: 41)

Porém, este olhar para o próprio interior nem sempre é possível sem um método, pois nem todos os homens possuem as qualidades necessárias para se fazer uma autoanálise honesta. Devido a isto, este olhar para o próprio interior foi sistematizado pela Igreja através da prática do exame de consciência. Onde um homem deve, à luz dos mandamentos, fazer uma autoanálise da própria vida e saber em quais pontos está indo contra a lei de Deus. Como explica Carvalho:

“Nem todos os seres humanos foram brindados pela providência com a percepção espontânea e o julgamento certo de seus pecados. Sem esses dons, o anseio de justiça se perverte em inculpação projetiva dos outros e em racionalização. Quem não os recebeu de nascença tem de adquiri-los pela educação. A educação moral, pois, consiste menos em dar a decorar listas do certo e do errado do que em criar um ambiente moral propício ao autoexame, à seriedade interior, à responsabilidade de cada um saber o que fez quando não havia ninguém olhando. Durante dois milênios, um ambiente assim foi criado e sustentado pela prática cristã do ‘exame de consciência’.” (CARVALHO, 2014, Pág.: 42)

Como diz o livro de provérbios: O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Pv, 9, 10). Desta maneira, a primeira função do homem que deseja a sabedoria é se inserir na realidade. E, ao fazê-lo, deve reconhecer que ‘a lei do senhor Deus é perfeita’ (Sl 18). Portanto, o Deus que é verdadeiro em suas promessas, também o é em suas ameaças. E o medo de desagradar a Deus se une à certeza de que aqueles que o agradam serão recompensados.

Mas a Sabedoria só pode ser atingida após ser percorrido um caminho espiritual. Na classificação de Teresa Ávila, são as sete moradas da vida interior. Por mais difícil que seja explicar à luz de teorias científicas, Teresa D’ávila escreve sobre a necessidade de um mergulho no próprio interior. Uma prática que vai além do simples exame de consciência, mas que consiste em uma imersão na própria alma para se obter uma maior intimidade com Deus.

E para percorrer este caminho, cuja sabedoria está no fim da corrida, é necessário passar por diversas etapas. E dentre elas, estão o reconhecimento da própria alma e a aquisição das virtudes necessárias para se chegar à meta. Pois o ensinamento de Platão onde pensamos com toda nossa alma, é aprofundado pelos cristãos ao afirmarem que pensamos com todo nosso ser. Pois não é apenas o espírito que pensa, mas o homem todo.

E por este motivo, é necessário cuidar também do corpo, pois como diz um ditado popular: alma sã em corpo são. Este é o ideal. O homem que busca a sabedoria deve cuidar do seu corpo, pois ele interfere em seus pensamentos. Mas na medida certa, pois como diz Platão: , e os dedicados unicamente a música amolecem-se mais do que lhes convém. (PLATÃO, 2014, Pág.: 112). Para o cristianismo, o corpo é o templo do espírito, de modo que cuidar do próprio corpo é algo sagrado. Cuidar do corpo e da alma, este é o desafio dos que buscam a sabedoria.

Sobre este caminho de progresso espiritual até a aquisição da sabedoria, explica Tomás de Aquino que: o exercício das virtudes morais, virtudes pelas quais são refreadas as paixões, é de extrema importância para adquirir a ciência.” (AQUINO apud SETILLANGES, 2019, Pág.:39)

Com esta visão, também está de acordo Sertillanges, que escreve:

Como é possível pensar bem com uma alma doente, com um coração trabalhado pelos vícios, dividido pelas paixões, desorientado pelos amores violentos ou culpáveis? (SETILLANGES, 2019, Pág.:39).

Em um primeiro momento, já fica claro que para os cristãos, Sabedoria não significa inteligência. Ou seja, a liberdade do homem permite que ele use suas faculdades mentais para o bem ou para o mal. ‘O intelecto não passa de um instrumento, sua utilização determinará seus efeitos. Inclusive, a inteligência pode ser uma das grandes inimigas da sabedoria.’ SETILLANGES, 2019, Pág.: 37) Como já dito, Satanás, representado pela serpente, era o mais astuto dos anjos, e foi o primeiro a ser expulso do paraíso e amaldiçoado por Deus.

Sertillanges enumera alguns dos inimigos da sabedoria, dentre eles a inteligência, a preguiça, a sensualidade, o orgulho, a inveja, a ira... demonstrando que após se inserir na realidade, reconhecer o próprio dever, chegar ao conhecimento de que é necessário seguir uma lei eterna... o homem deve combater os próprios vícios, caso deseje um dia alcanças a sabedoria.

Retomando a ideia da importância de se viver uma vida virtuosa para adquirir a sabedoria, Sertillanges explica que ‘a pureza do pensamento exige a pureza da alma: eis uma verdade geral que nada pode abalar.’ (SETILLANGES, 2019, Pág.:40)

Agir com sabedoria significa agir de acordo com a Lei de Deus. E para isto, o homem precisa entender que vive uma batalha espiritual, e que deve utilizar os dons recebidos por deus para o bem, que consiste em bem ordenar as paixões da alma para amar a Deus e amar o

próximo. Pois segundo a filosofia cristã, existe o que é sagrado e o que é profano. E toda ação do homem, ou o leva para o bem, ou para o mal, nunca para um meio termo.

Mas é necessário se fazer uma distinção entre o que seja a Sabedoria propriamente dita e o que seja um homem sábio. Pois, ao contrário do que aparentemente pode parecer, a Sabedoria não se apresenta como um modo de agir, como uma faculdade mental, mas como uma pessoa. Porém, esta pessoa ainda não havia se revelado na época do rei Salomão. Portanto, aquele rei não pôde conhecer a verdade plenamente, mas apenas a parte que havia sido revelada até então. De tal modo que apesar de ser o mais sábio de seu tempo, futuramente as pessoas estariam frente a frente com aquele Deus que Salomão apenas teve um contato imperfeito.

2.2- Cristianismo e filosofia grega

Pitágoras definiu a filosofia como a busca da sabedoria, e os que procuram a verdade não como sábios, mas sim como “amantes da sabedoria”. Com isto, preferiu ser chamado de filósofo do que sábio. (DONATO, 1993, Pág.: 126) Quando questionado sobre o que seria um filósofo, Pitágoras responde fazendo uma comparação entre a vida humana e os jogos olímpicos, pois neles existem pessoas que vão em busca de dinheiro, de glórias e os que vão para contemplar.

“Nós também estamos presentes, por assim dizer, num grande espetáculo, e viemos, como todo mundo, de alguma cidade; dessa maneira, com seu modo de vida e seu padrão alterados, uns vêm em busca da glória, outros em busca do dinheiro, mas há alguns que vieram contemplar o universo e não tem outro interesse a não ser esse. Tais pessoas chamam-se a si mesmos de amantes da sabedoria, ou, em outras palavras, filósofos.” (DONATO, 1993, Pág.: 75)

A semelhança com o dito do rei Salomão é notável, pois na doutrina do rei sobre a sabedoria este relata: “eu a amei e procurei desde minha juventude, esforcei-me por tê-la por esposa e me enamorei de seus encantos.” (Sb 8, 2). Salomão vai além do que os filósofos, e personifica a sabedoria como uma pessoa, a qual ele buscou e amou. E isto significa que para os cristãos, a Sabedoria propriamente dita é uma pessoa, e o homem sábio é aquele que vive de acordo com as leis da Sabedoria.

Mas para apresentar melhor a semelhança existente entre o cristianismo e a filosofia grega, vale ainda destacar outros autores que contribuíram com escritos sobre o tema da sabedoria.

Na República de Platão, é relatado um diálogo entre Sócrates e Glauco. Ao ser questionado sobre o que é um filósofo, Sócrates o define como aquele que está sempre pronto para aprender sem mostrar-se nunca cansado. (DONATO, 1993, Pág.: 92). E que os

verdadeiros filósofos são aqueles que gostam de contemplar a verdade. No dizer de Donato: o filósofo descrito por Sócrates não é aquele que contempla as coisas belas, mas aquele que contempla a beleza tal como ela é em si mesma.

“só são verdadeiros filósofos aqueles que perceberam que tudo o que vemos não passa de uma cópia de um original mais perfeito, e que, deixando a cópia de lado, partem em busca do original; e que, em o alcançando, se dedicam a contemplá-lo.” (DONATO, 1993, Pág.: 93).

Aristóteles vai além de seus antecessores e descreve que a causa primeira de todas as coisas deve ser o fim último do homem. Os filósofos pré-aristotelicos já compreendiam que a função do filósofo era a de contemplar. Mas a inovação de Aristóteles foi descrever o que seria o objeto de tal contemplação. A finalidade do homem, segundo os cristãos e também segundo os gregos é a felicidade. Não há outra razão para filosofar que não a busca da felicidade.

Nos dizeres de Agostinho: criaste-nos para vós e nosso coração está inquieto enquanto não repousa em vós. (AGOSTINHO, 2000, Pág.: 37) Ou seja, tudo tende para o seu fim, tudo o que existe na natureza busca o seu fim. E a questão levantada por Aristóteles descreve como deve ser a causa primeira de todas as coisas, razão de contemplação do filósofo.

A primeira característica do fim último é que ele deve ser um fim desejado por causa de si mesmo. (DONATO, 1993, Pág.: 30) Pois sendo o fim último, não tem outra utilidade que não ser contemplado. Deve ser um fim perfeito, pois uma vez atingido, nada mais deve o homem desejar. Como dito, o fim último é a felicidade. Mas a questão que se fica levantada é em que consiste a felicidade? Para os filósofos, consiste na contemplação da sabedoria. Para Tomás de Aquino, consiste na contemplação do próprio Deus.

Donato descreve em sua obra os pressupostos da felicidade. E para isto, mostra primeiro em que não consiste a felicidade do homem. A saber, não consiste na deleitação corporal, pois sendo um fim perfeito, não deve ser usado com moderação. Já as deleitações, se praticadas em excesso, além de fazerem mal à saúde do homem, ainda são tomadas por vício. A felicidade não pode consistir nas riquezas, pois como dito anteriormente, o fim ultimo deve ser buscado por si mesmo, e o dinheiro só serve na medida em que possibilita a obtenção de outros bens. (DONATO, 1993, Pág.: 36-38)

A saber, a felicidade deve ser contínua e permanente, buscada por causa de si própria. Neste sentido, é correto afirmar que a felicidade consiste em uma espécie de repouso, pois uma vez atingida, nada mais o homem deve procurar.

“se a felicidade última do homem não consiste nas coisas exteriores que são ditas bens da fortuna, nem nos bens do corpo, nem nos bens da alma quanto a parte sensitiva, nem quanto a parte intelectual segundo os atos das virtudes morais, nem segundo os atos das virtudes intelectuais que dizem respeito às ações, como as artes e a prudência, conclui-se que a felicidade última do homem esteja na contemplação da verdade.” (DONATO, 1993, Pág.: 50)

E os homens que a contemplam são chamados amantes da sabedoria, filósofos, sábios... compete agora demonstrar o que é, ou melhor, quem é esta verdade para os cristãos.

2.3- Cristo, a personificação da Sabedoria Cristã

No evangelho, Cristo se pronuncia dizendo: eu sou o caminho, a verdade e a vida. (Jo 14,6). E aqui está o ponto central da ideia de verdade no pensamento tomista. A verdade não é uma ideia abstrata, mas sim uma pessoa humana e divina. A sabedoria que Salomão buscou e se apaixonou tornou-se carne na pessoa de Cristo. O logos eterno, a causa primeira, a sabedoria estudada pelos filósofos gregos... veio ao mundo encarnada na pessoa de um galileu. Por isto, diz o evangelista: e a palavra se fez carne, e habitou entre nós (Jo 1, 14).

Este relato, mais que uma simples história, é a essência de todo o pensamento tomista. O governo, a política, a operação das virtudes morais... tudo o que o filósofo de Aquino escreveu gira em torno desta verdade que ele crê firmemente: a sabedoria é uma pessoa, e esta pessoa tem o nome de Jesus Cristo. Tudo o mais que ele escreverá e argumentara em seus escritos, será para fazer com que o homem seja um servo desta pessoa, um amante da sabedoria. Este é o centro de toda filosofia cristã. Por isto mesmo escreve São Luís de Montfort:

“Nós só trabalhamos para tornar todo homem perfeito em Jesus Cristo, pois é em Jesus Cristo que habita toda a plenitude da Divindade e todas as outras plenitudes de graças, de virtudes, de perfeições; porque nele somente fomos abençoados de toda a bênção espiritual; porque é nosso único mestre que deve ensinar-nos, nosso único Senhor de quem devemos depender, nosso único chefe ao qual devemos estar unidos, nosso único modelo, com o qual devemos conformar-nos, nosso único médico que nos há de curar, nosso único pastor que nos há de alimentar, nosso único caminho que devemos trilhar, nossa única verdade que devemos crer, nossa única vida que nos há de vivificar, e nosso tudo em todas as coisas, que nos deve bastar.” (MONTFORT, 2012, Pág.: 65).

Cristo não mandou que os homens buscassem a sabedoria, não disse que ele era um profeta ou um filósofo. Mas afirmou de maneira incisiva: vinde a mim todos vós que estão cansados, e eu vos aliviarei (Mt 11,28). Em outras palavras, Cristo não mandou que buscassem uma ideia ou um conceito, mas que buscassem a Ele próprio. Durante os séculos, diversas religiões se referiram a Cristo não como a sabedoria encarnada, mas apenas como um homem sábio. Esta visão vai contra o pensamento de Aquino. Pois para ele, ou Cristo é de fato a

Sabedoria encarnada, ou era um louco que proclamava ser a causa primeira de todas as coisas e o fim último do homem.

Tomás de Aquino creu na verdade das palavras de Cristo. E por isto, para ele, Cristo é de fato o fim último de todas as coisas, e todas as coisas devem se ordenar para obedecer a vontade de Cristo. Este fato não é acessório, nem de menor importância, mas traduz o centro de todos os escritos tomistas. Na passagem já citada de Agostinho, este diz: criaste-nos para vos, e nosso coração permanece inquieto enquanto não repousa em vos (AGOSTINHO, 2000, Pág.: 37). Para Tomás de Aquino, o homem não pode atingir a felicidade enquanto não repousar na pessoa de Cristo, sabedoria encarnada. E esta verdade, já anunciada por Paulo, ia além do que a filosofia grega era capaz de aceitar.

Cristo mandou que seus apóstolos fossem ao mundo e pregassem o evangelho a toda criatura. Aristóteles entendeu que havia uma causa primeira, mas jamais chegaria a entender esta causa como uma pessoa humana. Os gregos contemporâneos a Cristo, com todos os seus méritos, não puderam compreender o ensinamento cristão quando estes foram a Grécia anunciar as palavras do evangelho. E sua incompreensão foi o que moveu Paulo de Tarso a escrever em sua carta dirigida a comunidade de Corinto:

"Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; 23.mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; 24.mas, para os eleitos – quer judeus quer gregos –, força de Deus e sabedoria de Deus. 25.Pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens." (1Cor 1, 22-24)

No dizer de Chesterton:

São Paulo disse que os gregos tinham um altar a um Deus desconhecido. Mas em verdade todos os deuses eram deuses desconhecidos. E a verdadeira ruptura na história veio quando São Paulo lhes anunciou quem eles o tinham cultuado em sua ignorância. (CHESTERTON, 2014)

O cristianismo era algo totalmente diferente do que as outras formas de espiritualidade. Pois aqueles homens e mulheres pregavam um Deus Trino, que se encarnou, e o mais inacreditável: amava os pobres e pecadores. Além disto, este Deus ameaçava o povo com o fogo do inferno caso não cumprissem a sua vontade. Era um Deus novo, ciumento, que morreu, mas permanecia vivo. Esta cosmovisão desagradou tanto os gregos quanto os judeus. E a prova disto foi a crucificação de Cristo e a perseguição promovida aos primeiros ditos cristãos. Mas aquele grupo de pessoas, que pareciam mais ser fanáticos seguidores de um subversivo, realmente estava disposto a morrer antes de negar que as palavras de Cristo fossem verdadeiras.

E por conta desta disposição que foram tantos os mártires nos primeiros séculos. “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos”, como escreveu Tertuliano. Vale lembrar que

Paulo era um dos que perseguiram os cristãos. Era um homem implacável, e que após sua conversão, chegou a um ponto tão alto de entendimento da doutrina cristã, que foi capaz inclusive de corrigir o primeiro papa, São Pedro, quando esteve em Antioquia:

“Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. ¹² Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar.

Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho, declarei a Pedro, diante de todos: “Você é judeu, mas vive como gentio e não como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus?” (Gl 2, 11-16)

A conversão de Paulo foi um dos eventos mais marcantes do cristianismo, pois muitos, ao conhecerem a verdade encarnada, se voltaram contra ela. Mas aquele homem, reconheceu o próprio erro e buscou reparar o mal que havia feito.

A perseguição sofrida pelos cristãos foi prefigurada pela perseguição que o povo de Israel sofreu sob o julgo dos gregos. Este período da história pré-cristã foi amplamente relatado no livro dos Macabeus, onde diversos judeus morreram para não negar a sua fé em um deus uno. Isto mostra que antes, durante e até mesmo após a vida terrena de Jesus Cristo, os gregos nunca conviveram bem com o povo de Israel. Mas aquele povo estava certo do seu fim, tinha a certeza da existência de uma vida após a morte, e por isto, preferia morrer que se desviar do caminho almejado.

Por isto, o homem deve tomar todas as suas decisões tendo em vista qual é o fim que ele almeja atingir. E para melhor expressar o que os cristãos consideram agir com sabedoria, buscaremos apresentar alguns casos relatados nos textos cristãos deste modo de agir. O valor das histórias aqui apresentadas está no conteúdo de fé que será utilizado para moldar a base do governo ideal tomista.

Abraão

Abrão era um homem idoso que abandonou tudo em sua vida para seguir um Deus desconhecido, que lhe prometera uma grande descendência. E para que este se tornasse o pai de uma grande nação, Deus muda seu nome de Abrão para Abraão. No cristianismo, a mudança de nome significa que a pessoa receberá uma grande missão. Por este motivo, Simão passou a ser chamado de Pedro, e todos os papas escolhem um novo nome em sua eleição. Pois um novo nome significa uma nova vida, uma nova missão. Aquele velho homem deixou para trás sua terra e foi embora confiando que Deus o guiaria. Apesar de sua mulher ser estéril, Abraão confiou na providência divina.

Sarah, sua mulher, se pôs a rir quando soube da notícia que possivelmente seria mãe. E Deus respondeu: acaso, isto é, tarefa difícil para Deus? Após muitos anos, e muito sofrimento de sua esposa, esta lhe deu um filho chamado Isaac. Aquele foi o primeiro milagre que Abraão presenciou, e assim sua confiança em Deus tornou-se mais firme. Isaac era amado por seu pai. (Gen 21)

Diz o relato que o Senhor mandou que Abraão subisse ao monte e oferecesse seu filho amado em sacrifício. Em meio ao caminho, Isaac questiona seu pai, dizendo que já tem a lenha e o altar, mas falta a oferenda. Abraão, triste, responde que o senhor irá prover o cordeiro. Isaac é a prefiguração do próprio Cristo. Isaac sobe ao monte Oreb, Cristo sobre ao calvário. Isaac carrega a lenha do sacrifício, Cristo carrega o madeiro da cruz. Isaac será oferecido em sacrifício, Cristo se oferece em sacrifício. Isaac é o filho amado de Abraão, Cristo é o filho amado de Deus pai.

No fim do relato, um anjo aparece a Abraão e diz que este não precisa mais sacrificar seu filho, pois já havia provado sua confiança em Deus. Para a filosofia grega, oferecer o próprio filho amado em sacrifício pode não ser um sinal de sabedoria. Mas para os cristãos, e os patriarcas e os profetas que os antecederam, obedecer a Deus em todas as coisas é o passo inicial para aqueles que desejam repousar na felicidade, que consiste na contemplação da verdade.

Todos os textos anteriores ao nascimento de Cristo, estão na realidade preparando a sua vinda. Por isto, Cristo é chamado o novo Adão (pois o que Adão perdeu, Cristo restaurou), o cordeiro imolado (pois antes de Cristo sacrificavam o cordeiro, após Cristo, não é mais necessária tal prática), dentre tantos outros títulos que foram prefigurados no antigo testamento. Portanto, Cristo é o centro da história, o princípio e o fim de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Conclui-se que Abraão, entre a vida de seu filho e a obediência a Deus, escolheu a obediência. Isto vai em consonância com o mandamento mais tarde exposto nas tabuas da lei: Amar a Deus sobre todas as coisas.

Moisés

Um hebreu chamado Moisés foi escolhido pelo senhor Deus para libertar o povo de Israel do Egito. Moisés disse a Deus: quem sou eu para ir ter com o faraó e tirar do Egito os israelitas? Eu estarei contigo, respondeu o senhor. E então Moisés, um homem que possuía dificuldade de falar em público, foi ao faraó anunciar a mensagem de seu Senhor.

O faraó não aceita a proposta de Moisés, e então uma série de pragas invadem o Egito. Quando parecia que o faraó não iria retroceder jamais, Moisés faz a última ameaça ao faraó lhe dizendo que Deus iria ceifar a vida de seu primogênito e de todos os egípcios, caso este não libertasse o povo israelita.

O faraó permaneceu irredutível, e só concordou com a libertação após tomar o filho morto em seus braços. Mas tão logo o povo partiu, o faraó se irou e saiu com seu exército para recapturá-los. E então, os alcançaram a beira do mar.

A travessia do mar vermelho é uma das passagens mais conhecidas em todo o mundo. Onde um milagre ocorre e os egípcios afundam enquanto os israelitas passam a pé enxuto. Este relato revela uma qualidade que os cristãos devem possuir. Enquanto Abraão é exaltado por sua obediência, Moises o é por sua confiança.

De um lado estava o mar, do outro, um exército. É de se imaginar que a situação dos israelitas era desesperadora. Mas no momento de maior aflição e insegurança, Moisés creu que o senhor os livraria sãos e salvos. E então, diz o relato, o milagre aconteceu. O mar se abriu, e o povo se libertou.

O mais importante da história e Moises é que este reconhece que é incapaz de desempenhar a missão designada a ele. Sua humildade o leva a isto. Mas o Senhor de Israel lhe promete que estará com ele. E este é o ponto central da história de Moises, ele confiou na palavra mesmo ela indo contra o que lhe indicava seu raciocínio humano, tanto no início como em frente ao mar. Ou seja, Moises compreendia que jamais iria convencer o faraó a libertar o povo de Israel e que era impossível atravessar o mar a pé enxuto, mas confiou que o Senhor não o enganaria. Pois como atestam diversos doutores: os planos de Deus estão acima dos planos humanos, e os pensamentos de Deus estão acima dos pensamentos dos homens. Aquilo que é incompreensível pela razão, torna-se razoável pela fé. No dizer de agostinho: se o compreendêsseis, Ele não seria Deus.

Salomão

Diz o relato bíblico que duas prostitutas deram à luz. Porém, o filho de uma delas morreu. Tendo isto ocorrido, a mãe da criança morta buscou roubar o filho da segunda prostituta, alegando que aquela criança era na realidade seu filho. As duas moravam na mesma

casa, e como não se sabia qual das duas era de fato a mãe, o caso foi levado as autoridades e chegou ao rei para decidir o que deveria ser feito.

Salomão era conhecido por sua sabedoria, e desta maneira, todos respeitavam suas decisões. Para a surpresa de todos, Salomão deu uma sentença que parecia ser absurda. Diante das duas mulheres que não chegavam a um consenso, este declarou:

“Tu dizes: ‘É o meu filho que está vivo e o teu é o que morreu’. A outra diz: ‘Não é assim. É teu filho que morreu e o meu é o que está vivo’. 24. Vejamos – continuou o rei –, trazei-me uma espada”. Trouxeram ao rei uma espada. 25. “Cortai pelo meio o menino vivo – disse ele –, e dai metade a uma e metade à outra.” 1(Re 3, 23-25)

A mulher que de fato era a mãe do filho vivo, sentiu um grande pesar e abriu mão de seu filho. Disse ao rei que poderia dar o filho a outra prostituta. Mas aquela, dizia convicta que a sentença do rei estava correta, e a criança deveria ser repartida ao meio. Deste modo, Salomão entendeu que apenas uma mãe verdadeira iria preferir ficar sem seu filho, que o ver morto. E decidiu por entregar a criança a sua mãe de fato.

“Todo o Israel, ouvindo o julgamento pronunciado pelo rei, encheu-se de respeito por ele, pois via-se que o inspirava a sabedoria divina para fazer justiça”. (1Re, 28)

Salomão representa a figura de um rei sábio, inspirado por Deus, e que prefigura o próprio Cristo, o sábio dos sábios, o rei dos reis. Enquanto Salomão foi coroado com uma coroa de ouro, Cristo o foi com uma coroa de espinhos. Enquanto Salomão viveu a julgar as causas terrenas, Cristo há de vir para julgar as causas celestes.

Salomão representa a figura de um homem que por sua humildade, foi elevado ao entendimento da sabedoria divina. E por isto, soube julgar com justiça e governar com Sabedoria. A análise do reinado de Davi e Salomão é de suma importância para entender o reinado proposto por Tomás de Aquino em seus escritos, o que será demonstrado posteriormente.

Maria de Nazaré

Tomás de Aquino, assim como todos os católicos, crê que o antigo testamento prefigura o novo. Sendo assim, antes havia uma mulher imaculada chamada Eva, prometida a um homem chamado Adão, que foi visitada por um anjo chamado Lúcifer, e que por conta de sua desobediência trouxe a morte para o mundo.

Agora, no novo testamento, vemos uma mulher imaculada chamada Maria, prometida a um homem chamado José, que foi visitada por um anjo chamado Gabriel, que por conta de sua obediência trouxe a salvação para o povo de Israel.

O evangelho de Lucas relata a história de Maria. Os judeus esperavam a vinda do messias que libertaria seu povo. Eis que um dia, um anjo apareceu a maria, e a saudou com as seguintes palavras: “Ave cheia de graça, o Senhor é contigo” (Lc 1,28). O texto é claro ao relatar que Maria estranhou a saudação, mas não a presença da criatura celeste. O cristianismo afirma que Maria é uma mulher concebida sem pecado, sendo assim, para os católicos, ela poderia ter contato com as criaturas sobrenaturais, tal como Eva o teve com Satanás. O anjo disse-lhe que ela conceberia e daria luz a um filho que deveria se chamar Jesus. O anjo Gabriel, na hierarquia celeste, é um dos sete arcanjos, e o encarregado de ser o mensageiro de Deus. E esta mensagem era a mais importante de toda a história. O anúncio da vinda do salvador.

Maria perguntou como isto seria possível, visto que ela era virgem. Gabriel explicou o plano divino, e estava à espera da resposta da virgem. Isto não é um fato de pouca importância: ao dar a maior notícia da história, ao apresentar o plano de salvação de toda a humanidade, o anjo não sabia qual seria a resposta de Maria... mas esperou que ela se pronunciasse. O que mostra novamente que o Deus cristão não age arbitrariamente, mas espera uma resposta daqueles a quem chama para junto de si. E ao compreender o plano divino, eis que a virgem disse as palavras que mudariam a história do povo de Israel: Eis aqui a serva do senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.

No momento em que foi escolhida para ser a mãe de Deus, Maria não se elevou, mas se apresentou como uma escrava que deveria obedecer a vontade de seu senhor. A mais pura, a mais santa, a mais sabia... se rebaixa diante da vontade divina. O que mais tarde será compreendido com a parábola contada por cristo, de onde ele extrai a importância da humildade quando diz que quem se elevar, será rebaixado, mas os humilhados serão exaltados.

Maria soube agir de acordo com a vontade de Deus não só na anunciação do anjo. Mas há ainda outro momento da escritura onde ela aparece de maneira exemplar. Havia um casamento em Caná da galileia, e maria estava presente e cristo também. Naquela época, Jesus ainda não havia começado sua vida pública anunciando o reino de Deus. Mas o vinho da festa acabou, e seria uma grande vergonha para a família e os convidados ficarem sem vinho e uma festa tão importante.

Então Maria, sem que ninguém lhe pedisse, vai à cristo interceder pelos noivos. Com esta atitude, Maria ensina a recorrer sempre ao Senhor nos momentos de necessidade, jamais pensar que se pode resolver os problemas sem cristo. Aparentemente, em um primeiro momento, cristo se nega a realizar o pedido de sua mãe. Mas ela diz aos serviçais: fazei tudo o que ele vos disser. E cristo, ao ver o comando de sua mãe aos empregados, os manda encher as talhas de pedra até a borda com água. E então, ao servir a água, esta se transforma em vinho, e segundo o mestre sala: o melhor vinho.

Na anunciação maria agiu de acordo com as leis da sabedoria pois soube ser humilde se colocar no seu lugar e deixar que o plano de Deus se realizasse em sua pessoa. Se rebaixou, e por isso foi elevada como a mais bela, santa e perfeita criatura. Na segunda passagem, ela age com sabedoria ao recorrer a cristo em um momento de aflição. Ao invés de tentar resolver o problema ela mesma, ou com ajuda de outros, ela vai direto àquele a quem ela sabe que é a fonte da vida, para o qual nada é impossível, e confia que ele não a abandonará.

Desta Maneira, Maria de Nazaré, mais que os reis, mais que os profetas, mais que os próprios apóstolos, entendeu o que é agir com sabedoria. Aprendeu a obedecer às leis de Cristo. Ela que o gerou em seu ventre, que o educou em sua infância, que esteve de pé ao lado da cruz... foi elevada ao céu e colocada acima de toda criatura. A mãe de Deus ensina os cristãos como agir, como rezar, como confiar na sabedoria divina. E é esta mulher quem Tomás de Aquino tomará por mãe na hora de escrever suas páginas sobre como deve ser o governo ideal. Ou seja, um governante correto agirá como Maria, e um povo honesto também. Se submetendo a vontade da pessoa divina encarnada em Cristo.

3- O governo ideal de Tomás de Aquino

3.1- Necessidade de se viver em sociedade

Dentre todos os animais da natureza, os seres humanos são os que mais dependem da geração anterior. Como diz Aristóteles, o homem é um animal social. E Aquino explica que observando a natureza, é possível compreender esta necessidade do homem de se relacionar com os demais. (AQUINO, 2017, Pág.: 29)

Para se proteger do frio, procurar alimento, se defender das outras espécies... cada animal possui sua característica própria. Sejam garras, chifres, velocidade, entre tantas outras. Mas diferente coisa ocorre com o homem, que apesar de não possuir as características dos outros animais, não ser o mais forte, o mais rápido, o mais resistente ao frio... Dispõe da razão para conseguir tudo o que é necessário à sua sobrevivência. Porém, mesmo sendo todos os homens animais racionais, cada um possui uma qualidade específica. Ou seja, todos têm uma

pré-disposição para uma atividade singular, que a maioria não tem aptidão para realizar. (AQUINO, 2017, Pág.:31)

E esta diferença entre aptidões é apresentada por Paulo em sua Carta aos coríntios, quando este faz o uso de uma analogia para explicar como deve funcionar a Igreja, que na visão cristã, se apresenta como a sociedade perfeita.

"Assim, o corpo não consiste em um só membro, mas em muitos. Se o pé dissesse: "Eu não sou a mão; por isso, não sou do corpo", acaso deixaria ele de ser do corpo? E se a orelha dissesse: "Eu não sou o olho; por isso, não sou do corpo", deixaria ela de ser do corpo? Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs no corpo cada um dos membros como lhe aprouve. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo" (1Cor 12, 14-20)

Com esta analogia, Paulo explica que a sociedade deve ser conduzida por homens que, apesar de terem todos a capacidade de fazer uso da razão, não desempenharão todos as mesmas funções. Visão a qual Aquino compartilha ao afirmar que "Para obter todas essas coisas (as necessárias para a subsistência), um só homem não se basta, pois que um só homem por si não poderia levar a vida com suficiência." (AQUINO, 2017, Pág.: 31). Assim como o olho, o ouvido, a mão e o pé sozinhos não tem utilidade, mas só são uteis quando integrados em um corpo, assim também é o homem que só se realiza quando coloca seus talentos a serviço de uma coletividade, sem a qual nem ele poderia desenvolver a excelência.

" Mas é impossível que um só homem alcance todas essas coisas por meio de sua razão. Por conseguinte, é necessário ao homem viver em multidão, de modo que um ajude ao outro, e diversos se ocupem de investigar diversas coisas por meio da razão, por exemplo, um na medicina, outro em outra coisa, e outro em outra coisa ainda." (AQUINO, 2017, Pág.:33).

A doutrina de Paulo se assemelha a de Platão, apesar de serem de épocas distintas. Aquino teve contato com os escritos de Platão e Paulo, logo aperfeiçoou o que encontrou em ambos. Para Platão, "não há duas pessoas exatamente iguais por natureza, mas em todas há diferenças inatas que tornam cada uma delas apta para uma ocupação. (PLATÃO, 2014 Pág.: 58) Deste mesmo raciocínio, deriva sua classificação entre almas de ouro, prata e bronze. Na cidade ideal, cada cidadão, ao descobrir sua natureza, deve ocupar a função que melhor lhe convém.

Retomando o raciocínio, dentre todos os animais da natureza, apenas o homem possui a racionalidade. Apesar disto, o uso da razão não é suficiente para que um homem consiga sobreviver, e muito menos para alcançar o seu fim último, que como demonstrado, é a aquisição da sabedoria.

O cristianismo apresenta o mundo como um lugar de luta. Onde o homem está inserido com uma missão divina de alcançar a sabedoria. Para isso, é necessário que este viva em sociedade, mas não apenas isto. Ao dizer: combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé'... (2Tm, 4, 7-8) Paulo está dando um testemunho de que é possível vencer este combate que o Deus cristão manda seus servos não se absterem de combater.

Dito isto, fica claro que os cristãos desde os primeiros séculos até os dias de hoje, creem que a perfeição do homem só pode ser alcançada na convivência com os demais. Se a perfeição consiste na aquisição da sabedoria, que significa configurar-se a Cristo, é possível dizer que o sábio está sempre em uma comunidade, nunca sozinho.

“Quem acredita que está unido a Deus sem estar unido a seus irmãos é um mentiroso, disse o apóstolo; não passa de um falso místico e, intelectualmente, de um falso pensador; mas aquele que está unido aos homens e à natureza sem estar unido a Deus no seu íntimo, sem frequentar o silêncio e a solidão, não passa de um súdito de um reino de morte.” (AQUINO, 2017)

Mas para que o homem desenvolva as suas potencialidades e alcance a sabedoria, e assim como Paulo possa chegar ao ponto de dizer: vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim; é necessário que alguém lhe instrua a isto. Em outras palavras, é possível se configurar a Cristo de uma maneira perfeita, mas não é possível fazê-lo sem que alguém auxilie o homem em tal empreendimento.

E daí, surge a necessidade de que os homens sejam dirigidos por alguém. Como explica Tomás em sua obra “do reino”

“Em tudo o que se ordena a algum fim, enquanto avança por diversos caminhos, necessita-se de algum dirigente pelo qual diretamente alcance o fim correspondente.” (AQUINO, 2017, Pág.:29).

E mais adiante: “precisa o homem alguém que o dirija a seu fim.” (AQUINO, 2017, Pág.: 31) Logo, é possível compreender que mais do que viver em sociedade, o homem precisa de uma comunidade a qual possua um governo organizado.

Salomão escreve que melhor é, pois, estarem dois juntos do que estar um só, porque tem a vantagem de sua sociedade. E ao comentar esta passagem, Tomás explica que:

se, portanto, é natural ao homem viver em sociedade de muitos, é necessário que haja nos homens algo pelo qual a multidão seja regida. Pois: onde não há quem governe, perecerá o povo. E isso sucede razoavelmente... no homem individual também a alma rege o corpo, e entre as partes da alma a irascível e a concupiscível são regidas pela razão. E igualmente, entre os membros do corpo, um é o principal, o que move todos os outros, seja o coração, seja a cabeça. É necessário, portanto, que em toda multidão haja algo regitivo. (AQUINO, 2017, Pág.:35)

Fica assim demonstrada a necessidade um governo. Necessário se torna mostrar que tipo de governo Tomás de Aquino entende como o melhor. Cada coisa no universo tende para

seu fim. E o governo deve conduzir o homem a aquisição da sabedoria. Deste modo, um homem bem conduzido vai de encontro à seu fim conveniente, e um homem mal conduzido vai em direção a outros fins.

3.2- Formas de governo

A multidão deve possuir um governo, pois sem este, não chegaria o homem à aquisição da sabedoria. Mas a questão levantada por Aquino é que tipo de governo é o melhor. E a primeira forma de distinguir o que é um bom governo de um mal governo é interesse do governante. Se o governo busca o bem comum, este é um governo bem ordenado. Se, porém, busca o bem privado em detrimento da multidão, este é um governo mal ordenado.

Como diz o livro de Ezequiel: ai dos pastores que se apascentam a si próprios. (Ez 34,2)

Quando o regime injusto é comandado por um só governante que busque seu interesse próprio, este é chamado de tirano. (AQUINO, 2017, Pág.: 39). E o maior exemplo bíblico de um governo tirânico é o do rei Herodes. Herodes foi visitado pelos magos que caminhavam ao encontro de Cristo, e lhe perguntavam sobre o rei que acabara de nascer. O rei mandou que os magos, ao encontrar Jesus, voltassem e lhe informassem a localização da criança. Ao perceber que os magos não voltariam, o rei se enfureceu e, por sua soberba, procurou matar a Cristo em seu nascimento. E por isto, promoveu uma perseguição a todas as crianças do sexo masculino que estavam sob seu domínio. A atitude de Herodes demonstra que este era um homem perverso, disposto a assassinar quantas crianças inocentes fossem necessárias para se manter no poder. Pois, para ele, só poderia haver um senhor. E se os magos falavam de um rei que acabara de nascer, este não poderia continuar vivo.

Herodes é considerado pelos cristãos como um homem que buscou o poder acima de todos os bens celestes, e por isto entrou par a história como um rei insensato, diferentemente de Salomão. Salomão agradeceu a Deus pois não pediu poder, mas sabedoria. Herodes ao contrário, não chegou nem a pedir nada a Deus. Achou que com seus próprios esforços poderia alcançar o que bem quisesse. E o pior, além de buscar se auto realizar sozinho, ainda escolheu como meta os fins errados. Por isto, é o oposto do que foi o rei Salomão no auge de sua sabedoria. Dentre todos os exemplos de regimes tirânicos, o de Herodes foi aquele que mais marcou a história dos cristãos, pois este rei perseguiu o próprio menino Deus.

Nas palavras de Tomás: tirano, nome derivado de fortuito, porque seu poder oprime, não rege por justiça: daí que também entre os antigos se chamasse tirano a alguns poderosos.

(AQUINO, 2017, Pág.: 39). Em se tratando de tiranos, não há como deixar de citar o livro ‘o príncipe’, de Maquiavel. Para muitos, Maquiavel inaugurou a teoria política moderna, rompendo com as ideias medievais de que o rei deveria governar de acordo com a virtude. Para Maquiavel, o bom governante é aquele que consegue obter os resultados almejados, mantenha a paz e a estabilidade, ainda que para isso precise ser temido.

A diferença entre Tomás e Maquiavel, é que este acreditava que para obter a paz, seria lícito o uso de meios tirânicos esporadicamente; enquanto aquele pregava que não importa qual fosse a decisão a tomar, está sempre deveria estar submetida à Sabedoria encarnada. Portanto, tanto para Tomás como para Maquiavel, é bom que o governante seja amado. Mas para Maquiavel, é melhor que este seja temido, pois podem ocorrer traições a todo momento, ao menos que tenham medo do que o rei pode fazer com aqueles que se viram contra ele.

Quando o regime injusto é composto por um grupo pequeno de pessoas, este é denominado oligarquia. Para Tomás, este regime se diferencia do tirano apenas pela pluralidade de membros. Porém, estes continuam buscando seus próprios interesses e não o bem da população. (AQUINO, 2017, Pág.:39)

Por fim, em se tratando de regimes injustos, o último exposto por Aquino é a democracia. Mas a democracia, para Tomás, é o poder do povo, onde os plebeus oprimem os ricos pela força da multidão. (AQUINO, 2017, Pág.:39) Se atualmente existe na política internacional uma preocupação em que sejam protegidos os direitos da minoria, já naquela época Tomás apontava para o que mais tarde seria descrito como a tirania da maioria. Por óbvio, aquilo que Tomás chamava de democracia não tem o mesmo significado com que esta palavra é utilizada atualmente. No Século XXI, quase todas as nações do globo se denominam democráticas, ainda que vivam sob um governo totalitário. Isto porque, na teoria política mais recente e no imaginário popular, a democracia passou a ser vista como uma forma de governo imperfeita, porém a melhor das disponíveis. Apesar de todos os problemas que a democracia possui, é importante lembrar que a democracia a qual falava Tomás de Aquino não é como a democracia liberal do Século XXI.

Como exemplo de regimes injustos que dominavam pela força da maioria, entrou para história o regime nazista. Apesar de ter chegado ao poder por vias legítimas, uma vez nele, Hitler usou da força do estado para perseguir seus opositores. E conseguiu, através da propaganda, fazer com que boa parte da população apoiasse suas ações. Não resta dúvida na historiografia que Hitler foi um tirano, mas não governava sozinho. Havia uma boa parcela da

população que endossava suas ideias e inclusive denunciava seus compatriotas à polícia nazista. Nas palavras de Tomás, neste tipo de regime, “o povo todo será como um só tirano.” (AQUINO, 2017, Pág.: 39).

Além das 3 formas de governo degeneradas, Tomás expõe três formas de governo justas. Se o governo justo é administrado por uma multidão, este é chamado politia. Como exemplo ele usa uma província que é invadida e passa a ser administrada de maneira correta por uma multidão de militares. (AQUINO, 2017, Pág.:39).

Já quando o governo é justo, porém administrado por poucos homens virtuosos, este deve ser chamado de aristocracia. E por fim, se o regime justo é administrado por apenas um homem, este deve ser chamado reino, e o administrador rei. (AQUINO, 2017, Pág.:30). E na história do Cristianismo, muitos foram os reis que entraram para a história como bons governantes, que se submeteram às leis da sabedoria.

Está escrito no livro de Ezequiel que “meu Servo Davi reinará sobre eles, e será um só o pastor de todos eles.” Aquino explica que rei é “o que rege sozinho a multidão da cidade ou da província, e pelo bem comum” (AQUINO, 2017, Pág.: 43). Além disto, a autoridade do rei é comparada a autoridade de uma família. Tanto para os defensores da monarquia na época de Tomás como na atualidade, a sociedade deve ser portar como uma família. E o rei, exercendo a função de pai do povo, deve conduzi-lo a seu fim.

4. Utilidade do Reino

Após apresentar as seis formas de governo, sendo três injustas e três justas, Tomás levanta o questionamento sobre o que é mais vantajoso a multidão, ser regida por um só ou por muitos. Pois como demonstrado, é possível que o governo de um regente seja justo, assim como o governo de poucos ou muitos regentes. E para esclarecer tal questionamento, Tomás retoma a ideia do fim do governo.

“Com efeito, a intenção de qualquer governante deve ordenar-se a isto, procurar a salvação (ou conservação) do que aceitou reger. De fato, é próprio do capitão conduzir a nave, conservando-a ileso contra os perigos do mar, ao porto da salvação” (AQUINO, 2017, Pág.: 45)

Mas em que consiste o bem da multidão? Aquino explica que o bem almejado pela multidão deve ser a unidade e a paz. Deste modo, o dever dos regentes deve ser trabalhar para tornar este bem possível. E o governo mais útil é aquele que melhor conserva a unidade e a paz. Tomás dá por certa a evidência de que para manter a unidade, um é melhor que muitos. Logo, para ele, é evidente que é mais útil o regime de um só que o regime de muitos.

Quando são muitos os regentes, estes podem discordar entre si, e assim levar a cidade a ruína não por conta de guerras ou inimigos externos, mas uma ruína que parte do interior dela. Tomás também crê que o mundo natural exprime e explica realidades sobrenaturais. E, como o homem é um composto de alma e espírito, é possível concluir que as realidades naturais explicam de certa maneira como funcionam realidades concretas da convivência em uma sociedade.

No dizer de Aquino:

“é melhor, portanto, que seja um que muitos que se aproximem de um. Ademais: as coisas que são conforme a natureza têm-se otimamente: nos singulares, com efeito, a natureza opera o que é ótimo. Mas todo regime natural é por um. Com efeito, na multidão de membros um é que move todos, a saber, o coração; e nas partes da alma uma virtude preside principalmente, a saber, a razão. Também nas abelhas há uma só rainha, e em todo o universo um único Deus feitor e reitor de todas as coisas. E isto razoavelmente. Toda multidão, com efeito, deriva de um. Por isso, se as coisas que são segundo a arte imitam as que são segundo a natureza, e tanto melhor é a obra de arte quanto mais alcança similitude com o que há na natureza, é necessário que na multidão humana o ótimo seja o que é regido por um.” (AQUINO, 2017)

Não só apenas pelos textos de Tomás é possível concluir que o regime de um só governante é o melhor, mas também através de outros textos cristãos. Para diversos profetas, o Deus de Israel prometeu que colocaria uma cabeça para liderar o povo, e um único príncipe no meio deles.

Esta visão de reino reflete a concepção de igreja que ocorre na hierarquia da igreja Católica. É possível dizer que a Igreja é organizada de modo que as três formas de governo justas atuam em conjunto. A política é utilizada nas dioceses para resolver conflitos locais. A oligarquia é posta em prática quando os cardeais se reúnem para deliberar sobre algum assunto de relevância mundial, como a eleição do papa. E o rei é representado pela figura do papa, que está acima de todos os demais. Mas não como um tirano, e sim como um rei cristão, sucessor de Pedro, que tem a missão de conduzir um rebanho que não é dele. O papa é a cabeça visível do governo católico. Por isto, é considerado um rei, mas um rei que está lá para servir, e não para ser servido, como devem ser todos os reis cristãos. Pois o próprio Cristo, modelo e rei dos cristãos, disse que veio ao mundo não para ser servido, mas para servir.

O rei católico, além de se preocupar em manter a unidade e a paz, deve principalmente se preocupar em fazer com que seus súditos vivam de acordo com a virtude. Se o fim último de um homem apenas é a aquisição da sabedoria, o fim último de uma multidão também deve sê-lo. Portanto, a missão do rei é manter um reino onde seus súditos possam desenvolver suas potencialidades, e assim alcançar a santidade.

Uma cidade de homens virtuosos melhor combaterá os invasores, formará boas instituições e se submeterá as leis da Igreja. Na visão apresentada como a cidade sendo uma grande família com um destino comum a realizar, o rei é o pai, o chefe, o líder do povo. Por isto, caso o povo pereça, a maior responsabilidade deve ser atribuída a ele. Caso o povo alcance sua meta, a saber, a santificação, também muito se dará pelos méritos do rei.

Mas este grau de autodoação em favor de um povo pode ser difícil de se encontrar caso o rei em nada ganhe com isto. Deste modo, o rei deve estar ciente de sua missão, de sua responsabilidade, e dos ganhos que obterá ao bem realiza-la.

“Já que, segundo o predito, é próprio do rei buscar o bem da multidão, pareceria demasiado pesado o dever do rei se não lhe proviesse disso nenhum bem próprio. É necessário, portanto, considerar em que coisa consiste o bem conveniente ao rei como prêmio.” (AQUINO, 2017, Pág.:89)

Sobre as recompensas do bom rei, Tomás se propõe a buscar quais sejam. E a primeira inquietação vem em relação a glória. Autores anteriores a Tomás diziam que o que deve mover o rei é a vontade de ser glorificado e honrado por seus súditos, visão a qual Tomás não está de pleno acordo. Para Aquino, de fato o bom governante, e especialmente o bom rei, será recompensado com honras e glória. Porém, este não pode ser o prêmio final para uma missão tão empreendedora como levar um povo a aquisição da sabedoria. Pois como é dito por Cristo, a quem muito foi dado muito será cobrado. Portanto, a quem muito realizou, muito será dado. Visto que a glória e honra são bens importantes, porém, falhos e desproporcionais para tamanha responsabilidade, a recompensa do rei deve ser maior que a honra e a glória. Como diz Aquino: seria uma perda para os reis, se padecessem tantos trabalhos e inquietações por uma recompensa tão frágil. ’ (AQUINO, 2017, Pág.:91).

Além disto, Tomás vai argumentar que quem busca a glória dos homens arrebatada a grandeza da alma. Pois como diz o Chautard em sua obra, A alma de todo apostolado, quanto mais se busca os bens terrenos, mais se afasta dos espirituais.

Quando explicava a relação que o cristão deve ter com o dinheiro, Cristo respondeu que não é possível servir a dois senhores. Pois se agradar a um, desagradará ao outro. Se for fiel ao segundo, será infiel ao primeiro. Daí que não seja possível servir a Deus e ao dinheiro. Por isto, o rei que segue as leis da sabedoria não pode se contentar por ter conquistado riquezas. Em relação ao seu reino, o rei deve decidir se pretende agradar a Deus (e assim consequentemente zelar pelo bem estar do povo) ou agradar aos Homens (e assim se afastar da virtude e ter a possibilidade de se transformar em um tirano.

Logo, para manter firme o desejo de agradar somente a Deus, nada é mais útil ao rei que a virtude da magnanimidade. Pois a magnanimidade consiste em ter a firme disposição de alcançar o que há de ótimo em todas as suas ações.

“É portanto inadequado para o ofício do rei o prêmio da glória humana. Ao mesmo tempo, também é nocivo para a multidão se tal prêmio se outorga ao príncipe: pertence, com efeito, ao dever do bom varão desprezar não só a glória, mas também os outros bens temporais. (AQUINO, 2017, Pág.: 91-93)

A humildade é a primeira das virtudes que um rei deve possuir para bem governar. E o rei que busca honras e glórias humanas como fim de seu governo está cada vez mais se afastando dos bens celestes. Ainda que materialmente o governo prospere. Pois de que vale ao homem ganhar o mundo e perder a alma?

Ainda sobre a magnanimidade, esta é a virtude que Tomás propõe como indispensável ao rei. E nada mais é que ter grandes planos, não se contentar com uma vida medíocre, querer alcançar a perfeição dentro de suas possibilidades. E por isto, o rei jamais deve se contentar em dar o mínimo ao seu povo, mas antes deve estar disposto a entregar a própria vida para a salvação de seus súditos. A magnanimidade é uma virtude que não pode ser dissociada da coragem. Pois a virtude está no meio termo.

Chesterton dizia que a coragem é uma firme vontade de viver, com uma disposição a morrer. Ou seja, o corajoso não é aquele que enfrenta perigos desnecessários e arrisca sua vida toa. Mas também não é aquele homem que busca preservar a sua vida a todo custo. Antes é um homem que ama sua vida, e deseja mantê-la, mas se necessário, está disposto a derramar seu sangue pelas pessoas que ama. O que vai de encontro aos dizeres de Cristo: ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos.

Portanto, o rei deve sempre desejar que o seu povo alcance os maiores bens possíveis. E pessoalmente, deve almejar o máximo que as aspirações humanas sejam capazes. Mas simultaneamente, deve estar disposto a entregar tudo, a morrer se necessário, dar a vida para sua cidade. Tal qual Cristo deu a vida por aqueles a quem ele amava.

“ora, é conveniente que o rei espere um prêmio de Deus” (AQUINO, 2017, Pág.:99) diz Tomás de Aquino. Pois quando um empregado faz um trabalho, este espera receber a recompensa daquele que o empregou. Da mesma maneira, o rei, que deve se portar como um representante de Deus na terra, pois toda autoridade vem do céu, também espera que o senhor Deus o recompense. Como já dito anteriormente, é de se esperar que o prêmio da virtude seja a aquisição da sabedoria, para a contemplação da verdade, onde repousa a felicidade do homem.

E para Tomás, é impossível que um homem racional não busque a felicidade. E sobre este repouso espiritual que consiste na felicidade humana, Tomás chama de santidade. Ou seja, o único prêmio que o rei almeja para si próprio é a santidade. E por entender que exercendo bem o seu ofício, a santidade pode se tornar uma realidade, o rei buscará bem governar. E assim, levar o seu povo a santidade também.

“ora, a felicidade é a perfeição final do homem e seu bem completo, que todos desejam alcançar. Nada terreno há, portanto, que possa fazer feliz ao homem, nem nada terreno é prêmio suficiente do rei.” (AQUINO, 2017, Pág.: 105)

Portanto, o rei deve ter como a meta a ser alcançada a sua própria felicidade/santificação. Mas este bem pessoal jamais será possível se este não exercer bem o seu ofício de governar. De modo que para se santificar, o rei deve governar para o bem comum, manter a paz e a unidade, e estar disposto a dar a vida pelos súditos, se o primeiro a servir, e não buscar recompensas materiais por isso. Assim governando, ele poderá levar seu povo a aquisição da sabedoria, cumprir seu dever e futuramente gozar dos prêmios que deus lhe concederá na vida eterna.

Com efeito, o desejo de cada coisa tende a seu princípio, pelo qual seu ser é causado. Mas a causa da mente humana não é senão Deus, que a faz a sua imagem. Só Deus, por conseguinte, pode arquitetar o desejo do homem, fazer feliz ao homem, e ser o prêmio conveniente para o rei... Logo, não há nada que possa fazer feliz ao homem, cumulando seu desejo, além de Deus.” (AQUINO, 2017, Pág.: 107)

Como dito, a missão do rei é um grande empreendimento digno de recompensa. Mas para Aquino, aquele que muito bem fez, muita recompensa merece. Pois

“com efeito, se a felicidade ou beatitude é o prêmio da virtude, segue-se que a uma maior virtude corresponde um maior grau de felicidade.” (AQUINO, 2017)

E neste contexto podem ser explicadas as etapas da vida mística cristã, que Tomás entendeu como uma realidade perfeita. Teresa D’ávila demonstrou melhor em seus escritos as etapas da vida espiritual. Estas etapas foram descritas de diferentes modos ao longo da história. Mas uma coisa é certa: para Tomás de Aquino, quanto mais o regente tivesse progredido nas etapas espirituais, melhor seria o seu governo.

Teresa D’ávila divide as etapas da vida espiritual em sete. Porém, ela descreve sete etapas de um cristão que já se convenceu da verdade do evangelho e que busca viver de acordo com a vontade de Cristo. Na classificação de Teresa, não se leva em conta aqueles que negaram a Cristo por completo, estes não se encaixam em nenhuma das etapas. Logo, para tiranos e membros de governos injustos, de nada vale tal classificação.

Mas para governos justos, e especialmente o reino, o progresso espiritual Cristo é essencial para o entendimento das ações, obrigações e recompensas reais.

Se as riquezas, honra e glórias são insuficientes para premiar o bom regente, a santidade parece ser o bem que ele deve almejar. Mas não apenas isto, pois para Aquino, a vida eterna não é uma ideia ou uma teoria, mas uma realidade. Por isto, na vida celeste (destinada aos que alcançaram a santidade na terra), o rei que bem governou em vida também gozará de privilégios celestiais. E deste modo, o quanto mais santo o rei, mais prêmios ele receberá dos céus, pois de acordo com a doutrina dos doutores da Igreja, nem todos receberão no céu a mesma glória.

Sobre isto, escreveu a Doutora da Igreja, Teresa de Lisieux:

“Admirava-me, certa vez, que no céu o bom Deus não dê glória igual a todos os eleitos, e receava que nem todos fossem felizes. Então, Paulina mandou-me que fosse buscar o grande “copo de Papai” e o colocasse a par do meu dedalzinho, e enchesse ambos de água. Em seguida, perguntou-me qual deles estava mais cheio. Disse-lhe que ambos estavam cheios, e que era impossível pôr mais água, acima de sua capacidade. Minha querida mãe fez-me então compreender que, o céu, o bom Deus dará aos seus eleitos tanta glória, quanta cada qual poderá receber, de sorte que o último nada terá de invejar ao primeiro.” (LISIEUX, 2013, Pág.: 60)

Por este motivo, o rei deve governar e confiar na recompensa que virá.

Em resumo, apesar de existirem 3 formas boas de governo, o governo ideal consiste em um reino, pois o ótimo está naquilo que uno. Reino este em que o rei seja movido de acordo com as leis da sabedoria encarnada, Jesus Cristo. Para Tomás de Aquino, a vontade de Cristo é expressa através das leis da Igreja, que devem ser postas acima das vontades e aspirações do próprio rei. Pois por mais que o rei deseje tomar qualquer atitude que vá contra as leis da Igreja, ele deve se lembrar que entre agradar a Deus ou aos homens (mesmo que seja ele), o rei deve agradar primeiro a Deus.

Com isto, nada faltará a seu povo. Nem água, nem comida, nem proteção... Pois como diz Cristo em uma de suas falas mais famosas:

"Portanto, eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas? Qual de vós, por mais que se esforce, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? E por que vos inquietais com as vestes? Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo. Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado." (Mt 6, 25-33)

Com este governo, o povo poderá alcançar o seu fim último nesta terra e contemplar a Deus na vida eterna. Por ter conduzido o povo ao seu fim, o rei deve ser recompensado. Vê-se que este rei descrito por Tomás é bastante diferente daquele Príncipe exposto por Maquiavel, que é

considerado um dos pais da ciência política moderna. Aquilo que Maquiavel descrevia como um bom governante, está mais próximo do que Tomás apresentaria como um tirano.

5. O perigo do reino

Apesar do governo do rei ser aparentemente o melhor dentre as formas justas, levando em consideração que muitos reis se transformaram em tiranos, Tomás levanta a reflexão sobre a possibilidade do reino se degenerar em uma tirania.

Pois, “como o regime do rei é ótimo, assim também o regime do tirano é péssimo.” (AQUINO, 2017, Pág.: 51)

Assim como a oligarquia se opõe a aristocracia, sendo os dois governos de poucos regentes, e a democracia se opor a política sendo os dois governos de muitos regentes; assim também o reino se opõe ao regime do tirano, sendo ambos regidos por apenas um. Como a função do bom governo está atrelada a manutenção da unidade e da paz, quanto mais uno for o regente, melhor. Da mesma maneira, em regimes injustos, quando mais uno, pior. Disto Tomás deduz que a tirania é mais nociva que a oligarquia, e a oligarquia mais nociva que a democracia.

Uma das maneiras utilizadas por Tomás para definir o regime justo é aquilo o governo busca realizar, o bem próprio ou o bem comum. Quanto mais o governo se afastar da prática do bem comum, mais injusto este pode ser considerado. Em um governo justo, quanto mais regentes, mais difícil será que estes concordem na prática do bem comum. Mas de outro modo, quando a regência está com governantes injustos, quanto mais próximos da unidade forem os regentes, pior. Daí que um tirano busca o próprio bem de maneira mais nociva que uma multidão.

E mesmo nos regimes injustos, há uma escala de injustiça. Na democracia, apesar do fim almejado pelo governo ser o bem próprio, este governo é de muitos regentes. Logo, se trata de um regime injusto que busca satisfazer o desejo de muitos. Pior seria a oligarquia, por se tratar de um regime injusto que busca o bem de poucos. E pior ainda a tirania, pois esta é a forma de regime injusta que busca o bem de apenas um, Devido a isto, segundo Tomás de Aquino, é possível concluir que: o regime do tirano é, portanto, injustíssimo. (AQUINO, 2017, Pág.: 53)

“É vantajoso, portanto, que o regime justo seja de um só, para que seja mais forte. Mas, se o regime se separa da justiça, é mais vantajoso que seja de muitos, para que seja mais débil, e esses muitos se impeçam mutuamente. Entre, pois, os regimes injustos, o mais tolerável é a democracia, enquanto o péssimo é a tirania.” (AQUINO, 2017, Pág.: 55)

Toda a obra de Tomás não se resume aos bens temporais, mas antes e com prioridade aos espirituais. O rei, apesar de ser responsável por manter a paz e a unidade, deve antes de mais nada buscar viver de acordo com a fé da Igreja católica, para que eduque seus súditos nas virtudes, afim de que estes um dia obtenham sua salvação. O reino deve propiciar aos habitantes um ambiente que preze pela virtude e que os leve a praticar o bem.

Como já dito, o rei deve ser como um pai que guia seus súditos a caminho do céu. E esta é sua principal função. Por isto, todas as maldades da tirania nada são, se comparadas àquela de fazer com que desapareça do reino a virtude dos cidadãos. Pois assim, estes não apenas perecerão na terra, mas também serão privados da vida eterna no céu. O rei cristão deve se assemelhar a cristo, que apesar de ser o rei de todo o universo, não veio ao mundo para ser servido, mas para servir. Maria, que na visão cristã é apresentada como a mãe de Deus, não praticou nenhum milagre ou ato que a colocasse em um local de destaque. Sendo mãe de Deus, buscou se humilhar e viver humildemente, longe de fama e glórias que poderia obter. E por isto, ao se afastar da virtude, o rei se torna um tirano, e esquece sua missão de ser o primeiro dos serventes, esquece que o rei cristão deve primeiro servir, para conduzir seu povo a vida eterna.

E aí que a visão de Maquiavel entra em discordância com Tomás. Pois para Maquiavel, o rei pode se utilizar de artifícios condenados pela moral católica, desde que os fins almejados sejam concretizados. Ou seja, matar, roubar, torturar e trair, são atos que podem ser bons ao país desde que mantenham o príncipe estável no poder.

“porque os que desejam mais mandar que ser uteis impedem todo progresso dos súditos, suspeitosos de que toda excelência da parte dos súditos seja prejudicial para sua iníqua dominação. Para os tiranos, com efeito, os bons são mais suspeitos que os maus, e sempre a virtude alheia lhe é espantosa.” (AQUINO, 2017, Pág.: 57)

Em outras palavras, quando uma pessoa, e especialmente um rei, se afasta da virtude, esta passa a acreditar que é impossível viver aquilo que antes acreditava. Ou seja, crê que não é possível alcançar a santidade. E por isto, todos aqueles que buscam viver de forma virtuosa são um perigo para seus planos de dominação.

“os preditos tiranos, portanto, esforcem-se para que seus súditos não alcancem o espírito de uma magnanimidade de efeito virtuoso nem deixem de suportar sua dominação iníqua, e porque tampouco se firme entre os súditos um pacto de amizade e estes gozem entre si do benefício da paz, a fim de que assim, enquanto um desconfia do outro, não possam demolir seu domínio.” (AQUINO, 2017, Pág.: 57)

Este paragrafo de santo tomas expressa de maneira brilhante o estado de coisas em uma ditadura, ou em qualquer regime onde o governo busca seus próprios interesses. Pois para se perpetuar no poder, é indispensável que não existam homens e mulheres virtuosos para lutar em nome da verdade. Mais que isto, é necessário que estes homens e mulheres deixem de crer

na santidade. E por isto, passem a desconfiar uns dos outros, pois se a santidade não é possível, aquele que busca a virtude não passa de um hipócrita que deve ser vigiado o máximo possível para não desagradar o rei.

Mas para além do esforço de não permitir que os cidadãos creiam nos benefícios de uma vida virtuosa, os tiranos também se esforçam para que as pessoas não gozem plenamente dos bens terrestres, tais como o dinheiro ou o poder.

“Esforçam-se também para que não surjam poderosos ou ricos, porque, suspeitosos, dos súditos segundo a consciência de sua própria malícia, assim como eles mesmos usam do poder e das riquezas para prejudicar, assim também temem que o poder e as riquezas de seus súditos os tornem nocivos. Daí que também em jó 15, 21 se diga do tirano: um estrondo de terror está sempre em seus ouvidos, e, mesmo em tempos de paz (ou seja, quando ninguém intente um mal contra ele), receia sempre traições.” (AQUINO, 2017, Pág.: 59)

Enquanto o rei é amado, o tirano é temido. E assim o povo busca apenas preservar a sua vida, não desagradando o tirano. “Por isto dos tiranos se escondem os homens como de feras cruéis, pois parece ser o mesmo estar sujeito a um tirano que ser presa de uma fera em fúria. (AQUINO, 2017, Pág.: 61)

6. Conclusão sobre o governo ideal

Além de demonstrar as vantagens e desvantagens das principais formas de governo, tomas de Aquino também versou sobre as características da cidade que deve acolher tal governo. Porém, por não se tratar do objeto de análise desta monografia, não aprofundaremos a análise sobre este tema.

O que é essencial para nós, é que fique clara a ideia de Tomás de um reino, onde o rei busque os interesses do seu povo, tanto temporais quanto perenes. E que conduza seu povo como um pai que conduz sua família através da autodoação e da virtude, sabendo que sua recompensa só virá na outra vida.

7. Aplicação da sabedoria no governo ideal

Como o próprio nome do trabalho já diz, não estamos aqui tratando de um governo que já existiu, mas sim que poderia existir. Portanto, para melhor demonstrar a análise do possível, partiremos do real. E para chegar à compreensão da aplicação da virtude eterna em um governo temporal, contaremos com o auxílio de um rei francês que sonhou que seria possível viver o que Tomás escreveu, e este rei se chama Luís IX.

Contemporâneo de Tomás, Luís governou a França e chegou a ser canonizado pela Igreja após sua morte. Portanto, a história de dois santos se cruzaram na França, pois Tomás conheceu

pessoalmente Luís. Um rei e um padre, ambos preocupados com o reinado de Cristo e com a salvação das almas de seus semelhantes.

Salmão, assim como Tomás, conseguiu adquirir a sabedoria divina. Mas apenas Tomás de Aquino, com base nos textos da sagrada escritura, descreveu todas as características da sabedoria cristã, pois este, em sua época, já tinha muito mais informações que Salomão.

Se primeiro definimos o que é a sabedoria e após descrevemos como deve ser o governo ideal, a conclusão que devemos chegar é que sem a sabedorias, não é possível que o governo ideal passe de uma potência ao ato. Ou seja, para que o reino como um todo busque a virtude, é preciso partir do homem individual. E este homem, que guiará os outros, é o rei.

A busca pela virtude da Sabedoria se dá na busca pela pessoa de Cristo. E aqueles que o encontram, são os ditos sábios para os cristãos. Aquino crê que o reino ideal só é possível com um rei santo. E como é ensinado através da tradição da Igreja Católica: é possível que um rei queira muito ser santo, mas não é possível que um santo queira muito ser rei. Esta visão está de acordo com aquela descrita na república de Platão, onde o rei filosofo deve ser escolhido pelo povo, mesmo que não queira reinar. E que aqueles que desejam reinar, provavelmente não serão bons reis, pois os bons reis cumprem um dever e não um plano pessoal.

Mas como dito, traremos o exemplo de São Luís, rei da França, para ilustrar a ideia de Tomás sobre como deve portar-se o rei. Luís IX, antes de morrer, deixou uma carta a seu filho. Este acontecimento muito se assemelha ao que fez o rei Davi com seu filho Salomão. Antes de morrer, Davi deixou suas últimas palavras a Salomão: se viril, porta-te como homem. (1Re 2,2)

Apesar de a sociedade ter mudado e atualmente a maioria das pessoas não entenderem o que significa ser homem para um cristão, este conselho de Davi é muito profundo para passar despercebido. A sociedade cristã ideal é aquela em que o homem é homem, a mulher é mulher e a criança é infantil.

Por isso, a primeira função do rei é ser homem. Para tratar da masculinidade cristã seria necessário um tratado sobre moral, o que não é o caso deste trabalho. Mas é importante dizer que nos espelhamos em modelos. O bom rei é aquele que se inspira em bons reis, e um bom homem se inspira e bons homens. Pois como nenhum ser humano aprende sem os outros, os bons exemplos são necessários. Como o modelo de rei e de homem perfeito é cristo, o bom rei deve se encontrar com cristo na Igreja e se espelhar nele em seu governo.

E sobre isto tratou Luis IX em seus conselhos a seu filho, os quais analisaremos agora, pois seus conselhos demonstram passo a passo como a sabedoria é utilizada em um reino cristão. O rei começa sua carta dizendo:

“Filho dileto, começo por querer ensinar-te a amar o senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todas as tuas forças; pois sem isto não há salvação.” (LUÍS IX, 2015)

Neste início, o que o rei busca demonstrar a seu filho é que os bens espirituais estão acima dos temporais. E que o bom rei deve sempre buscar a perfeição, a santidade.

“filho, debes evitar quanto sabes desagradar a Deus, quer dizer, todo pecado mortal, de tal forma que prefiras ser atormentado por toda sorte de martírios a cometer um pecado mortal.” (LUÍS IX, 2015)

Aqui o rei deixa claro a questão do pecado. Ou seja, um rei sábio compreende que o pecado irá corromper a sua alma. E que, corrompendo a sua alma, este corromperá o reino e colocará em risco a alma de todos aqueles pelos quais ele é responsável. A saber, todo o seu reino.

“Ademais, se o Senhor permitir que te advenha alguma tribulação, dves suportá-la com serenidade e ação de graças. Considera suceder tal coisa em teu proveito e que a tenhas merecido.” (LUÍS IX, 2015)

Este ponto é de extrema importância. Pois o rei ensina que o sofrimento, as dificuldades e perseguições devem ser usadas para o bem próprio, e não como motivo de revolta contra Deus. E isto está de acordo com o versículo que diz: em tudo dai graças. Ou seja, para um cristão, se as coisas vão bem é motivo de agradecer, e se as coisas vão mal, é motivo de agradecer também.

“Alem disto, se o Senhor te conceder a prosperidade, tens de agradecer-lhe humildemente, tomando cuidado para que nesta circunstância não te tornes pior, por vanglória ou outro modo qualquer, porque não debes ir contra Deus ou ofendê-lo valendo-te dos seus dons.” (LUÍS IX, 2015)

Mais uma vez o tema da humildade se faz presente como condição necessária para o bom exercício do dever de governar.

“Ouve com boa piedade e disposição o ofício da igreja e quando estiveres no templo, cuides de não vaguear os olhos ao redor, de não falar sem necessidade; as roga ao senhor devotamente, quer pelos lábios, quer pela meditação do coração.” (LUÍS IX, 2015)

Neste ponto da carta, o rei explica a grande necessidade de se ter reverência pelos locais sagrados. Pois o rei, quanto mais reverente for, mais ensinará o seu povo a temer a Deus.

“Guarda o coração compassivo com os pobres, infelizes e aflitos, e quando puderes, auxilia-os e consola-os. Por todos os benefícios que te foram dados por Deus, rende-lhe graças para te tornares digno de receber maiores.” (LUÍS IX, 2015)

Cuidar dos pobres é essencial a quem busca a santidade, e ainda mais ao rei. Quanto mais pobres tiverem em seu reino, maior a chance de que o povo se veja infeliz e suscetível a revoluções, atrapalhando assim a estabilidade do país e o dever de manter a ordem e a paz entre seus súditos. Combater a pobreza e ser piedoso para com os mais necessitados é uma obrigação daquele que deseja se tornar sábio para bem governar.

Em relação a teus súditos, sê justo até o extremo da justiça, sem te desviares nem para a direita nem para a esquerda, põe-te sempre de preferência da parte do pobre mais do que do rico, até estares bem certo da verdade. Procura com empenho que todos os teus súditos sejam protegidos pela justiça e pela paz, principalmente as pessoas eclesiásticas e religiosa.” (LUÍS IX, 2015)

E para concluir os seus conselhos, o rei diz o mesmo que Tomás pregou em suas obras:

“Sê dedicado e obediente à nossa mãe, a Igreja de Romana, e ao sumo pontífice como pai espiritual. Esforça-te por remover de teu país todo pecado, sobretudo o de blasfêmia e a heresia.” (LUÍS IX, 2015)

Este último conselho resume o papel de um rei cristão em relação a seu país. O rei deve fazer tudo o que estiver a seu alcance para abolir do país tudo aquilo que atente contra a fé. Deve ser submisso ao papa e reconhece-lo como seu pai espiritual. Deve obedecer a Santa Igreja e portar-se com diligência. Mas para que tudo isto seja possível, o rei deve primeiro buscar a santidade todos os dias.

Ao intitularmos esta última sessão do trabalho como “Aplicação da sabedoria no governo ideal”, queremos dizer que a sabedoria é um pressuposto para a santidade, e a santidade é um pressuposto para o governo cristão. Um rei cristão deve necessariamente colocar a busca pela santidade acima de todos os bens que poderia receber para seu país. Pois assim como escreveu Pero Vaz de Caminha, em sua carta a dom João, logo após ver os índios: “não pudemos saber que haja ouro, nem prata nem coisa alguma de metal ou ferro... porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente.” (CAMINHA, 1500)

Salvar esta gente, ao priorizar este objetivo, Vaz de Caminha disse algo semelhante ao que Tomás de Aquino escrevera tantos séculos antes. Portanto, o rei é o homem a quem muito foi dado, e por isso, dele muito será cobrado. Para corresponder a esta vocação de bem reger o

reino, e levar as outras pessoas a santidade e a aquisição da sabedoria, afim de que gozem dos bens eternos, o rei deve primeiro ele próprio viver de acordo com as leis da Sabedoria.

E só assim poderá ensinar o povo, reger o povo, conduzi-lo como ovelhas. Em suma, esta é a tarefa do rei cristão: a própria santificação, e a salvação das almas dos seus súditos. A sabedoria é aplicada no governo quando ela é aplicada na vida do rei. Que por seu exemplo e sua vida, conduzirá o povo aos bens celestes. Pois como ensinou Francisco de Assis: “é necessário evangelizar sempre, se necessário usar as palavras.”

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, T. Do Reino e outros escritos: 1 ed. São Paulo: Resistência Cultural, 2019
- LISIEUX, T. História de uma alma: 1 ed. São Paulo: Paulus, 1979
- DE JESUS, T. Castelo interior ou moradas: 1 ed. São Paulo: Paulus, 1981
- CHAUTARD, J. A alma de todo apostolado: 2 ed: São Paulo, Cultor de Livros, 2015
- MONTFORT, L. Tratado da verdadeira devoção a santíssima virgem: 42 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- AGOSTINHO. Confissões: 1ed: São Paulo, Nova Cultural, 2000
- CARVALHO, O. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota: 1 ed: São Paulo, Record, 2014
- VÍTOR, H. Didascálion, 1 ed: São Paulo, Kírion, 2018
- TISMANEANU, V. O diabo na história: 1ed: São Paulo, Vide Editorial, 2017
- PLATÃO. A república: ed especial: Rio de janeiro, Nova fronteira, 2014.
- SERTILLANGES, A. A vida intelectual: 1 ed: São Paulo, Kírion, 2019.
- CIC. Catecismo da Igreja Católica: 9ed: São Paulo, Edições Loyola, 2015
- Bíblia de Jerusalém